

LOPES, E. M. S. T.; GALVÃO, A. M. O. . **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

Sidclay Ferreira Maia

[sidmaia@hotmail.com](mailto:sidmaia@hotmail.com)

Eliane Marta Santos Teixeira Lopes é graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1969), tem mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (1980) e doutorado em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1984). Atualmente é professora da Universidade Vale do Rio Verde. Tem experiência na área de Educação com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos temas: História da Educação, Psicanálise e História, Religião e história da formação de professoras. É diretora da Coleção História da Editora Autêntica, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação (GEPHE-FaE-UFMG) e, também, psicanalista membro da Escola de Psicanálise Aleph - Belo Horizonte. Além da obra aqui referenciada, também é autora de *Da Sagrada Missão Pedagógica*. São Paulo: Universidade São Francisco, 2003; *Como quando amo*. Belo Horizonte: *Duas Luas*, 1999; *Perspectivas Históricas da Educação*. São Paulo: Ática, 1986.; *Colonizador-Colonizado: Uma Relação Educativa No Movimento da História*. Belo Horizonte: UFMG, 1985., e mais alguns em parceria e outros como organizadora.

Ana Maria de Oliveira Galvão Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D, graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (1990), mestra (1994) e doutora (2000) em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, onde atua na graduação e na pós-graduação (Mestrado e Doutorado). Seus interesses de pesquisas concentram-se nas áreas de história da cultura escrita e de história da educação no Brasil. Além do livro em questão é autora de diversos capítulos de livros, artigos em periódicos e livros. Entre eles destacam-se *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. e *Amansando meninos: uma leitura do cotidiano da escola a partir da obra de José Lins do Rego* (1890-1920). João Pessoa: editora da Universidade Federal da Paraíba, 1998.

A realização do livro surgiu, de acordo com as autoras, da falta de material disponível sobre como trabalhar com a história da educação enquanto abordagem metodológica ou tipo de pesquisa, e não simplesmente enquanto disciplina, o que fica claro na apresentação, escrita pelas próprias autoras, onde narram suas dificuldades para encontrar material que as embasassem em suas pesquisas em história da educação. Assim, *História da Educação* não faz um percurso histórico da história da educação do Brasil, como fazem outros livros com o mesmo título, ele trás informações relevantes de como se trabalhar com história da educação enquanto método de pesquisa científica, enquanto abordagem metodológica. Nesse sentido, com sua leitura não ficaremos aptos a contar a história da história da educação brasileira, mas sim, melhor preparados a trabalhar com história da educação em si, independente de que parte ou fato dessa história escolheremos para pesquisar sobre.

De leitura fácil e agradável, o livro *História da Educação*, objeto desta resenha, é a segunda edição da editora DP & A, Rio de Janeiro. São 115 páginas divididas em: apresentação; introdução; capítulos; conclusão e; bibliografia e sugestões de leitura. O subtítulo da obra [o que você precisa saber sobre...] sugere ao estudante uma leitura básica e introdutória sobre o assunto. Voltado, declaradamente, a estudantes de graduação e pós-graduação, reúne três capítulos centrais. O primeiro capítulo trata da história da educação como uma disciplina, um campo de pesquisa; o segundo aborda aspectos referentes ao ensino, ao livro, à leitura, as crianças e jovens, e as mulheres num contexto histórico educacional e; o terceiro e último capítulo nos fala sobre as fontes utilizadas pela História da Educação.

Faz-se importante destacar que três foram as questões norteadoras deste trabalho, onde a busca a uma resposta ou respostas para essas questões conduziu o estudo e o pensamento das autoras à elaboração do livro. Cada questionamento levou a elaboração de um capítulo do livro. A primeira questão é “Como surgiu a disciplina de história da educação e esse campo de estudos e pesquisa?”; A segunda questiona “De que se ocupa a História da Educação? “e; a terceira, duas perguntas em uma, de “Como o historiador da educação reconstitui o passado sobre o qual se debruça? De que peças lança mão para escrever seu roteiro?” (p. 11 e 12).

Em uma introdução longa, mas de suma importância para o entendimento da obra, as autoras comparam as percepções advindas do estudo da história com as percepções que temos quando viajamos, “[...] nos dois casos, deparamo-nos com ‘o outro’, no tempo e no espaço. [...]” (p. 15), destacando que o contato com ‘o diferente’, ou seja, povos, paisagens e culturas diferentes no espaço, como é o caso das viagens, pode nos dar a noção do que é ter contato com povos, paisagens e culturas em tempos diferentes, ou seja, no tempo. Dessa forma, “[...] o contato com o ‘outro’ pode nos mostrar o quanto somos universais e, ao mesmo tempo, particulares [...]” (p. 16). Universais enquanto sociedade e particulares enquanto indivíduos. É a partir dessa percepção que devemos voltar nosso olhar para a história da educação. Ainda na introdução, para introduzir o assunto, é feito um breve histórico da escola e da educação mundial e brasileira.

O primeiro capítulo, e em minha opinião o mais importante (por esse motivo ganhou maior destaque) – História da Educação: uma disciplina, um campo de pesquisas. – busca identificar as características que marcaram e ajudaram à história da educação a alcançar a forma e a dimensão que recebe hoje. Aqui, a conhecida idéia de se estudar o passado a fim de se compreender o presente para intervir no futuro é colocada em cheque. “[...] Ao remeter o estudo do passado a uma previsão de futuro, não estaríamos acreditando que o processo histórico se dá de uma forma linear, caminhando sempre para o progresso que seria, então de alguma forma previsível? E o que dizer dos erros? Como julgar o passado a partir dos nossos valores atuais? [...]” (p. 26 e 27). Com indagações dessa natureza fica clara a proposta diferente da percepção da história proposta pela livro.

A História da Educação enquanto disciplina surgiu no final do século XIX. Porém, no Brasil é somente a partir dos anos 1950 e 1960, com a criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, no Rio de Janeiro, e os Centros Regionais de Pesquisas Educacionais, que esse campo de pesquisa começa a tomar forma. Fortemente relacionada com a pedagogia, e conseqüentemente com a Teologia e a Filosofia, desenvolve-se principalmente nas escolas normais e nos cursos de formação de professores. Considerada, por muito tempo, como disciplina secundária nos curso de formação de professores, cresceu diretamente atrelada ao campo da educação, ao campo do ensino, e não ao campo da história como se haveria de pensar como o próprio nome da disciplina sugere.

O primeiro capítulo esclarece ainda a forte relação da história da educação com a filosofia e com a pedagogia. A primeira acompanha a História da Educação em sua trajetória e, por muito tempo, foi confundida com ela, chegando, em alguns cursos, a formarem uma única disciplina: Fundamentos da educação, onde a parte da História da Educação falava da história da organização dos sistemas de ensino e a parte cabida a Filosofia tratava do pensamento pedagógico. Já a relação com a pedagogia acrescenta à História da Educação uma influencia religiosa, principalmente por conta das práticas percebidas nas Escolas Normais da época onde o ensino era voltado à religiosidade e conduzido por profissionais devotos à doutrina cristã. A passagem a seguir ilustra bem tal fato: “[...] algumas pesquisas tem mostrado que os professores e autores de livros de História da Educação eram [...] membros ou ex-membros de ordens religiosas, católicas ou protestantes [...]” (p. 29).

E, concluindo o capítulo, as autoras mostram que duas foram as grandes tendencias que influenciaram profundamente o campo da História da Educação nas ultimas décadas, trazendo-lhe novos objetos de pesquisa, novas abordagens e novas fontes: primeiro o marxismo e, mais recentemente, a Nova História. O pensamento marxista com seu materialismo histórico dialético achava que através dos aspectos econômicos e políticos de uma determinada época serviam para explicar tudo, ou quase tudo que se referia à educação. A contribuição desse pensamento veio, principalmente, com a simplificação das complexas relações existentes entre classes, gêneros e raças. Com a Nova História um novo olhar foi dado à História da Educação. Novas fontes passaram a ser utilizadas, novos objetos de estudo foram criados, etc. A Nova História modificou o modo de perceber a História da Educação principalmente quando passa a influenciar os pesquisadores à investigarem temas antes considerados pouco nobres no interior da própria História da Educação. A partir de então, não mais a política é o centro das pesquisas: a economia, a sociedade e também a cultura passam a fazer parte dos estudos nessa área. “[...] sobretudo nos ultimos quarenta anos, passa-se cada vez mais a valorizar os sujeitos ‘esquecidos’ da História, como crianças, mulheres e camadas populares [...]” (p. 39).

O segundo capítulo - Histórias da educação: o ensino, o livro e a leitura, as crianças e os jovens, as mulheres - é muito interessante. Nos mostra a crescente relação que a História da Educação tem construído com outros campos da historia

(por isso o nome ‘histórias’ no título). Aqui, o texto leva o leitor à compreensão de que o foco de estudo da História da Educação não mais está centralizado. “[...] estudos que investigam não somente o ensino e a escola – objetos tradicionais da disciplina -,mas também [...] tantos outros sujeitos e objetos que contribuem para a melhor compreensão dos processos educativos do passado [...]” (p. 51). Entre esses ‘novos’ sujeitos estão o livro, as mulheres, as crianças, os jovens, a violência, etc.

O ensino, agora, é visto não somente como o estudo da história da organização escolar, mas como o estudo do dia-a-dia da escola como um todo. E para comprovar tal fato, o capítulo discorre, de forma bastante esclarecedora, sobre a história do livro e da leitura, sobre a história das crianças e jovens e, por ultimo, da história das mulheres, história essa carregada de polêmicas.

O ultimo capítulo – Fontes e História da Educação - relembra, antes de falar propriamente de suas fontes, que não se consegue entender o passado por completo, ou seja, como de fato aconteceu. Por mais minucioso que seja o estudo, por mais fontes que se consiga, nunca se chega a totalidade da compreensão dos fatos acontecidos. A passagem “[...] Em sua inteireza e completude, o passado nunca será plenamente conhecido e compreendido; no limite, podemos entendê-lo em seus fragmentos, em suas incertezas. [...]” (p. 77) reforça esse pensamento. Após este precioso esclarecimento, a discussão sobre as fontes da história é iniciada. Fontes, de acordo com as autoras, são a matéria-prima básica do historiador, ou seja, “[...] tudo aquilo o que encontra disponível ou procura e utiliza para fazer história. [...]” (p. 77). O termo *fonte*, em sua etimologia, é originário das línguas indo-européias e se relaciona a uma idéia de espontaneidade, porém, tal definição não se encaixaria particularmente ao campo da história pois como esse termo se tem a impressão de algo que está, ao mesmo tempo, disponível e indisponível. Assim, sobre a escolha das fontes, o que determinará o que será realmente fonte e o que não será, é o problema problematizado pelo historiador. “[...] é, portanto, o problema e o tema que o pensador se coloca que nortearão a escolha das fontes que utilizará [...]” (p. 79).

Mas o que é, de fato, uma fonte? A resposta à essa indagação vem de várias e diferentes maneiras. Antigamente, considerava-se fonte apenas os documentos escritos vistos, em sua maioria documentos oficiais como: legislações; atas;

relatórios; regulamentos; estatísticas; etc., porém, a partir dos estudos do pesquisador Lucien Febvre, essa concepção de fonte sofreu uma enorme alteração. Passou-se a considerar como fonte, de acordo com Febvre, tudo o que, sendo do homem, depende do homem, serve para o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem, e da mulher, como por exemplo, carteiras, utensílios diversos, biografias, uniformes, correspondências, jornais, etc. Essas “novas” fontes ocasionaram o que os estudiosos chamaram de “revolução documental”, e expandiram consideravelmente o alcance das pesquisas. Essa “revolução documental” trouxe consigo uma forte mudança no tratamento dado às fontes. Esse novo olhar impõe ao pesquisador novas exigências onde o ponto de partida não é a pesquisa de um documento, mas a colocação de um questionamento, ou seja, as perguntas que o pesquisador faz ao documento são tão importantes quanto ele próprio.

Para concluir sua obra as autoras não fazem comentários finais como de costume pela maioria dos escritores, em vez disso, de forma bastante criativa e enfática, se utilizam do poema “Minha escola” de Ascenso Ferreira para fazer uma metáfora com o estudo da História da Educação e seus temas recorrentes.

Ao ler História da Educação, o leitor é apresentado a uma nova visão da História da educação. Não àquela a que está habituado, mas a uma forma diferente e nova de ver e perceber esse campo de estudo. Após a leitura da presente obra, nós, estudantes de graduação e pós-graduação brasileiros temos a oportunidade de expandir nosso olhar sobre a história da educação e seus temas relacionados, mesmo que não tenhamos como objetivo imediato estudá-la.

### **SIDCLAY FERREIRA MAIA**

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFPI), Especialista em Administração de Recursos Humanos (IEL/UFPI), Graduado em Administração (UFPI) e Letras- Inglês (UESPI).